



Projeto EVA
Plantar sete sementes

Jornal de Letras

11-08-2010

Periodicidade: Mensal

Classe: Cultura/Lazer

Âmbito: Nacional

Tiragem: 15968

Temática: Sociedade

Dimensão: 765

Imagem: S/Cor

Página (s): 24/25



Treca de experiências: O olhar dos artistas e as vivências dos moradores foram o ponto de partidas destas intervenções urbanas

Plantar sete sementes

Não lhes dêis peixe, ensina-os antes a pescar podia ser o lema das residências artísticas do Projeto EVA, promovido pelo Programa Escolhas e pelo Clube Português de Artes e Ideias, que teve como principal objetivo incluir as comunidades de sete bairros de exclusão social da Área Metropolitana de Lisboa na criação de projetos artísticos. Ao longo de junho e julho, 15 artistas (ver caixa) espalharam-se pelo Intendente, Bairro Alto, Bairro do Armador, 6 de Maio, Vale da Amoreira, Picheleira e Cova da Moura, numa viagem em busca da identidade de cada "território", onde a arte foi o leme. Os resultados (Cova da Moura/Nu Kre de André Gonçalves está agendada para setembro) são tão ricos e diferentes como as realidades abrangidas, e partilham a vontade de provar que a Arte, do Cinema ao Design, é uma boa ferramenta para trabalhar ideias, sonhos e angústias **Carolina Freitas**

E

se escondêssemos países dentro de armários? Impossível? Impossível é meter o Rossio na Betesga", como diz o ditado. Sete crianças do Bairro do Armador construíram um armário do tamanho do sonho. Há cabem países e não só. Joana Manacas, Catarina Vasconcelos e Catarina

ponto de partida para pensar uma série de conceitos: "O que é no teu país Amor, Ódio, Luta, Família, Casa, Cidade, Bairro, Criança?". O resultado foi o *Armário Armado do Armador*, um dos seis trabalhos do EVA, projeto que, integrado no Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social, contou com o apoio dos parceiros locais do Programa Escolhas (ver caixa). «A partir da ideia de um país imaginário, quisemos conhecer os sonhos destas crianças», explica Joana Manacas. Mas não só os sonhos, também os segredos, as memórias e a relação que têm com o bairro. E que dentro dos sete armários, além de papéis com frases descritivas desse país e desenhos

Vasconcelos. Aqui, é curiosa a «analogia entre o armário e a própria arquitetura do bairro», referida por Catarina Gonçalves, onde não há muito convívio fora de casa, ficando o ínfimo entre as quatro paredes. Compreender esta relação pessoal/lugar é, de resto, a bandeira do Projeto EVA, que se assume como «pesquisa aberta e não estandardizada» sobre os sete bairros. O mesmo é dizer que a preocupação dos artistas passou mais por conhecer e estimular os interesses das comunidades, do que encaixar nos problemas que já se sabe que existem. «Apesar de não podermos fugir a uma condição de miséria que se vive na Picheleira, o nosso interesse não foi explorar isso, mas tentar acrescentar algo à comunidade», afirma Gonçalo Alegria. À semelhança do Armador, a Picheleira é um bairro de realojamento que ressentiu a passagem da arquitetura horizontal para a vertical, menos propícia ao convívio. Mas a apresentação da curta-metragem, descoberta por Gonçalo Alegria e Raquel André com crianças entre os 6 e os 12 anos, conseguiu «conquistar um espaço comunitário», diz o artista. Um lençol pendurado num dos edifícios, qual tela, um sistema de som rudimentar e cadeiras para pais e crianças, e montou-se um «cinema de bairro». O artista destaca o caráter experimental das residências artísticas do Projeto EVA, e olha para o evento da projeção da curta como uma «marca de paragem» de um trabalho que pretende continuar. Durante os dois meses em que Gonçalo Alegria e Raquel André fizeram parte da vivência do bairro da Picheleira, a referência de Pedro Calado, diretor executivo do Programa Escolhas, aos três "P" – Pequenos Passos Possíveis – deu abrigo à inquietação que o artista sentiu nalguns momentos, como quando queria filmar e as crianças não apareciam. Um "mapa de histórias" foi o passo dado por Constança Saraiva e João Valente. Construíram o «mapa emocional» do Vale da Amoreira, onde a freixa das Híbias foi substituída por imagens de valor afetivo. Mais de vinte jovens, dos 12 aos 22 anos, desenharão e fotografaram os seus lugares preferidos, exercício que culminou numa espécie de "jogo de espelhos", colar as fotografias nos próprios sítios. «Foi engraçado notar que os mais novos referiram sítios onde costumam estar com os amigos, por exemplo o campo de futebol, enquanto os mais velhos escolheram lugares de afastamento, para onde vão quando querem estar sozinhos», conta João Valente. Algumas das fotografias só foram colocadas no dia da apresentação (30 de julho), ao longo de uma caminhada pelo bairro. Lá no Mercado do Vale da Amoreira foi exposto um mapa do bairro, desenhado pelo grupo de

jovens. Uma representação «completamente fora de escala, com partes inventadas, onde está projetado apenas o que lhes interessa, das suas casas aos espaços onde costumam estar com os amigos», comenta João Valente. São assim os nossos mapas mentais, subscuem os lugares que conhecemos, que gostamos, que fazem parte do nosso quotidiano, e o resto é conversa. O que é, por exemplo, o Bairro Alto? Para a maioria das pessoas, são bares, discotecas, ruas que se fecham de multidões animadas aos três-de-semana à noite. E, que chatices, agora "fecha" mais cedo. Pois Ana Relvão, Anícom Satar, Ana Faria, Ricardo Roque e Susana António procuraram quem lá vive, dia e noite, para compreenderem a verdadeira identidade do Bairro Alto. «Invasão noturna» foi a principal resposta das famílias que mal conseguem dormir e que vêem o bairro transformado todas as manhãs numa lixeira. Enquanto proprietários de casas de «comércio tradicional» queixaram-se da crise dos seus negócios. Então o grupo de artistas pôs mãos à obra. Propuseram a organização de visitas guiadas por pessoas da comunidade, onde antigas mercearias, padarias, tipográficas, casas de foto, lojas de ferragens, seriam pontos de paragem obrigatória. «O objetivo é que a pessoa de fora



No projeto Eva, a preocupação dos artistas passou por conhecer e estimular os interesses das comunidades

tenha um contato direto com as pessoas atrás do balcão, de forma a dinamizar a vida do bairro ao nível humano e económico», esclarece Anícom Satar. E porque não há tempo a perder, a apresentação do projeto "Bairro Alto E", no dia 29 de julho, decorreu com o percurso «Vamos Comer ao Bairro Alto». Partiu-se do número 13 da Rua do Texeira (espaço «Skillz»), comprou-se pão no 102 da Rua da Rosa (Panificação Reunida de São Roque), carne no 49 da Rua da Atalaia (Talho da Atalaia), legumes frescos no número 10 da Rua do Diário de Notícias (Merceria Valério dos Santos e Alberto) e juntou-se na Associação Rio de Lanchos, de onde sai a marcha popular do Bairro Alto (Rua da Atalaia, número 120). Presente no *peddy paper*, Pedro Calado, diretor executivo do Programa Escolhas, sublinhou a natureza empreendedora do projeto Bairro



Nos bairros do Vale da Amoreira (em cima) e do 6 de Maio (em baixo) Um olhar crítico, lúdico, criativo sobre a realidade. Assim correu a interação entre os artistas e as comunidades, numa ótica de "quebra de distâncias e territorialidades"

Bairros reinventados

BAIRRO DO ARMADOR

Artistas: Joana Manaças, Catarina Vasconcelos e Catarina Gonçalves

Projeto Escolhas local: PISCIA (Projeto de Inclusão Social de Crianças e Jovens do Armador)

Ideia-chave: A partir da ideia de Pais Ideais, trabalharam imaginários de Bairro, Casa, Amor com crianças dos 10 aos 13 anos, o que deu origem ao Armário Armado do Armador, onde cada um guardou fotografias, cartas, objetos pessoais.

PICHELEIRA

Artistas: Gonçalo Alegria e Raquel André

Projeto Escolhas local: Projeto Sementes

Ideia-chave: Realizaram uma curta-metragem com crianças dos 6 aos 12 anos, de forma a, por um lado, criar, com a sua projeção, um evento de rua que refina o resto da comunidade e, por outro, deixar no bairro um registo daqueles jovens.

VALE DA AMOREIRA

Artistas: Constança Saraiva e João Valente

Projeto Escolhas local: Escolhas VA

Ideia-chave: Desenvolveram intervenções urbanas em vários lugares desta freguesia, selecionados a partir da ligação emocional dos participantes com os mesmos.

BAIRRO ALTO

Artistas: Ana Rebelo, Anjoom Satar, Ana Fátia, Ricardo Roque e Susana António

Projeto Escolhas local: Skillz

Ideia-chave: Conceberam a ideia da organização de visitas

guiadas pela comunidade ao Bairro Alto, com o objetivo de valorizar o seu "património", do comércio tradicional às coletividades.

6 DE MAIO

Artistas: Joana Manaças, Catarina Vasconcelos e Catarina Gonçalves

Projeto Escolhas local: Anos KI Ta Manda

Ideia-chave: Em conjunto com a comunidade, pintaram um percurso do labiríntico bairro. Na apresentação, o 6 de Maio foi palco do batucque (género musical e de dança de Cabo Verde) e do Nós Terra (grupo de dança do Anos KI Ta Manda).

EIXO INTENDENTE-MOURARIA-CAMPO SANTANA

Artistas: Experience Design

Cabracega: Pedro Alegria e Hugo Torneio

Projeto Escolhas local: ConTacto Cultural

Ideia-chave: Criaram intervenções urbanas com o Coletivo CC (jovens do ConTacto Cultural envolvidos no Projeto EVA), com os propósitos de incutir um olhar crítico sobre o quotidiano e desenvolver uma dinâmica comunitária.

COVA DA MOURA

Artistas: André Gonçalves

Projeto Escolhas local: Nu Kre

Ideia-chave: Parte da investigação sobre as raízes culturais da comunidade e a história do bairro, para, comparando-a com o modelo computacional "Game of Life" de John Conway, descobrir e criar brinquedos, utensílios e ferramentas artesanais do país de origem e recréi-las.

Alto. É que «ao envolver mãos de crianças que frequentam o Skillz, os próprios jovens e comerciantes do bairro, permite que a própria comunidade, devidamente organizada, possa desenvolver a ideia das visitas guiadas, tornando-se empreendedores no sentido sustentável, de gerir uma receita não só para o projeto, mas sobretudo para a comunidade. Falamos, agora, de outro percurso. Joana Manaças, Catarina Vasconcelos e Catarina Gonçalves pintaram um dos caminhos possíveis no labirinto que é o 6 de Maio, um bairro de auto-construção com cerca de 30 anos, onde a rua mais larga tem um metro. Foi a dificuldade dos moradores em responder à questão "Qual é o sítio mais bonito do bairro?" e o facto das casas não estarem pintadas que levou as artistas a darem um banho de cor ao 6 de Maio, com a partil-

pação da comunidade. Mas Joana Manaças, Catarina Vasconcelos e Catarina Gonçalves ainda mal começaram, primeiro limparam e coloriram, depois querem escrever nas paredes frases de pessoas de lá e inscrever os nomes de algumas ruas. «Queremos encher o Bairro 6 de Maio com ele próprio», afirma Joana Manaças. Não que falte "vida" à comunidade, sobretudo, cabo-verdiana, pelo contrário, neste bairro há festa quase todas as noites. «Aqui a noite é dia», dizem, mas assim tanto a cor como o canteiro feito pelo Senhor João, jardineiro reformado, e pelas artistas, só vêm contribuir para a identidade do bairro. Da metáfora do país inventado à construção de visitas temáticas, muitas e variadas foram as ferramentas artísticas partilhadas com as comunidades abrangidas



Da metáfora do país inventado às visitas temáticas, muitas e variadas foram as ferramentas artísticas partilhadas com as comunidades

pelo Projeto EVA, para que, junto das associações locais, possam desenvolver os seus próprios projetos. Intervenção urbana foi o contributo dos Cabracega, no eixo Intendente-Mouraria-Campo Santana. Provavelmente, já reparou naquelas senhoras velhotas todo o

dia à janela, a cuscutilhar o que se passa na rua. Acontece que na distância entre o simples olhar e o reinterpretar está a intervenção urbana. Por isso, *Senioritas*. Um exercício que partiu do comentário de um jovem do Coletivo CC sobre essas senhoras sempre em "vigilância", para, feito o *brist* para o logótipo da "Senioritas", dar origem a uma intervenção: fixar o novo logótipo debaixo das varandas de algumas "Senioritas". Além deste, foram apresentados, perto do Mercado do Forno do Tijolo, a 29 de julho, outros trabalhos. *Street Cornus*, uma série de fotografias de pessoas e de imobiliário urbano (fotos *street*), acompanhados por frases dentro de um balão de banda desenhada, numa lógica de criação de "narrativas de rua", nas palavras de Hugo Torneio. Também *Monumentos, a malha*

urbana, um *relogio de sol*, três imagens de sítios do bairro que, na relação com as legendas, pretendem «monumentalizar histórias do bairro», diz Pedro Alegria. Para os Cabracega, as intervenções surgem com o intuito de promover «o sentido de lugar, pois é a relação estabelecida com o espaço que habitamos que permite um olhar crítico em relação ao mesmo». Um olhar crítico, lúdico, criativo sobre a realidade. Assim correu a interação entre os artistas e as comunidades, numa ótica de «quebra de distâncias e territorialidades», onde a arte desempenha o papel principal. Afinal, como refere Pedro Calado, a arte tem esta «capacidade de criar metáforas, de projetar as pessoas para mundos que não existem ou de mostrar coisas que eles não imaginam serem possíveis». ■